

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 9 DE MARÇO DE 1856.

N. 14.

## PARTE LITTERARIA.

### CONSELHOS ADMINISTRATIVOS.

A interessante peça, que em seguida se vai ler, é uma d'essas concepções do Colbert portuguez, do grande marquez de Pombal. Quando este consummado estadista nos não houvesse legado outros monumentos de seu talento e saber, bastaria este documento para o recomendar á posteridade. A raridade d'este escripto, pois que não vem na collecção de suas obras, nos aconselhou a reproduzil-o aqui.

« Exm. Sr. Justo me parece, depois de querer V. Ex. entrar instruido no seu generalato, sabendo do clima, dos fructos, dos viveres, da jornada, e do precizo commodo d'ella para o seu transporte, que tambem se instruisse no genio dos povos, que um breve methodo de governar, e dirigir suas acções com menos embarços dos que acontecem a quem primeiro ha de praticar para conhecer, e que, quando se chega a fazer senhir das couzas, é quando tem involuntariamente errado com animo de acertar.

« O povo, que V. Ex. vai governar, é obediante, fiel a el-rei, aos seus generaes e ministros; com estas circumstancias, é certo que ha de amar a um general prudente, affavel, modesto, e civil. A justiça, e a paz, com que V. Ex. o governar, o fará igualmente bem quisto, e respeitado; porque com uma e outra couza se sustenta a saude publica.

« Engana-se, quem entende, que o temor, com que se faz obedecer, é mais conveniente, do que a benignidade, com que se faz amar; pois a razão natural ensina, que a obediencia forçada é violenta, e a voluntaria segura.

« Nos generaes substitue el-rei o seu alto poder, fazendo duas imagens suas; esta lembrança fará V. Ex. exemplar de predicaos virtuosos, para que não vejam os seus subditos a sombra da copia desmentir as luzes do original, que é puro, e perfeito.

« Conheçam todos em V. Ex. que el-rei é pai, e que o manda para ser pai, e não tyranno; por que isto é o mesmo, que V. Ex. vê praticar pelo seu regio ministerio; casos ha em que se devem usar de rigor, apezar da propria vontade; assim como vemos, pelo professor ou cauterizar chaga, ou cortar um braço, para restaurar a saude de

uma vida; da mesma sorte quem governa, se não póde conservar a saude do corpo mistico da republica por causa de um membro podre, justo é cortal-o, para não contaminar a saude dos mais: peze V. Ex. de sorte na balança do entendimento a sua benevolencia, que não diminua a authoridade do respeito, nem a justa severidade das leis, obrigada do amor: porque n'este equilibrio está o acerto de um feliz governo: a jurisdição, que el-rei confere a V. Ex., jámais sirva para vingar as suas paixões; porque é injuria do poder usar da espada da justiça fóra dos casos d'ella. Duvido se ha quem saiba executar estas virtudes; comtudo seja V. Ex. o exemplar, para conseguir a palma de uma victoria tão heroica, como invencivel: defenda V. Ex. o respeito do lugar pela authoridade d'el-rei, castigando a quem pretender manchal-o; porém os seus aggravos pessoaes saiba dissimular, e esquecer-se d'elles: os aduladores não se conhecem pelas roupas, que vestem, nem pelas palavras, que fallam; quasi todos os que os ouvem são do genio do rei Achab, que só estimava os prophetas, que lhe diziam coizas, que o lisonjeavam; e por que Micheas, em certa occasião, lhe disse o que lhe não convinha, logo o apartou de si com odio.

« Quasi todos os que governam querem, que os lisonjem, e sempre ouvem com agrado os elogios, que se lhes fazem: d'esta especie de homens, ou de inimigos, em toda a parte se encontram, e V. Ex. os achará tambem no seu governo; aparte-os pois de si, como veneno mortal. O Espirito Santo diz, que os que governam devem ter os ouvidos cercados de espinhos, só para que, quando os aduladores se chegarem á elles, os lastimem, e os faça afugentar. Um crime ha em direito, que os jurisconsultos chamam de stelionato: crime de engano, derivando a sua etymologia d'aquelle animal stelião, que não mata com o veneno, e só entorpece a quem vê, introduzindo diversas qualidades, e effeito no animo; castigue V. Ex. a estes steliões e negue-lhes a attenção, para que o deixem obrar livre, e lhe não paralizem os sentidos, nem o animo. V. Ex. vai para um governo tão moderno, que é o quarto general, que o continúa a crear; imite ao primeiro em tudo aquillo, que achar ter sido grato ao povo, e util ao serviço do rei, e da republica: não altere couza alguma com força, nem violencia; porque é preciso muito tempo, e muito geito, para mudar costumes inveterados, ainda que sejam escandalosos; os mesmos principes



encontram difficuldades n'este empenho : Tibério não conseguiu tirar os jogos illicitos e publicos, introduzidos por Augusto ; Galba pouco tempo reinou, por querer emendar as desenvolturas de Nero ; e Pertinax pouco menos de um anno empunhou o sceptro, por intentar reformar as tropas relaxadas por seu antecessor Comodo : comtudo, quando a razão o permite, é preciso desterrar abusos, e destruir costumes perniciosos em beneficio d'el-rei, da justiça, e do bem commum, seja com muita prudencia, e moderação ; que o modo vence mais do que o poder. Esta doutrina é de Aristoteles ; e todos aquelles que a praticaram não se arrependeram : em qualquer resolução que V. Ex. intentar, observe estas tres cousas, prudencia para deliberar, destreza para dispor, e persaverança para acabar. Não resolva V. Ex. com acceleração as dependencias arduas do seu governo para que lhe não aconteça logo emendal-as: menos mal é dilatar, para acertar com maduro conselho, que deferir com ligeireza, para se arrepender com pesar sem remedio : quando duvidar, pergunte ; e para não dar a entender o que quer obrar, figure o caso, como questão, a pessoa, que o possa saber, para o informarem em termos. Tambem não quero dizer, que por isso se sujeite V. Ex. a tudo, e a todos, mas sim, que ouça e pratique, para resolver por si o que entender ; porque de V. Ex. confiou el-rei o governo, e não de outro.

« A familia de V. Ex. seja a cousa mais importante, e escolhida, que comsigo leve ; pois por ella hade ser amado, ou aborrecido, e por ella ha de ser applaudido, ou murmurado. São os criados inimigos domesticos, quando são desleaes ; e companheiros estimaveis, quando são fieis : se não são como devem ser, participam para fóra o que sabem de dentro, e depois passam a dizer d'entro o que se não sonha fóra ; e o mais é que, como são tidos por leaes, e verdadeiros, acham grata attenção no que contam, prejudicando muitas vezes com mentiras a innocencia do accusado por vingança dos seus particulares interesses.

« E' muito precisa a bôa eleição da familia, que um general hade levar comsigo, principalmente para a America ; porque o paiz influe em quasi todos o espirito de ambição, e relaxação das virtudes, mórmente na da caridade, cujo desprezo abre a porta para outros muitos males e vicios. Por mão de creados não accete V. Ex. petição, nem requerimento ainda que seja d'aquelle de que V. Ex. formar mais solido conceito para que não aconteça, que á sombra da supplicá, que vai despida de favor, se introduza a que se acompanha de empenho, e de interesse ; a mentira veste galas, a verdade não : esta por innocente preza-se de audaz ; aquella por

maliciosa procura enfeites para parecer formosa ; e como os olhos se u moram do ver, e os ouvidos do que ouvem ; em taes casos a confidencia que V. Ex. fizer do creado, e a informação que elle der do requerimento, que apadrinha, quando não obrigue que V. Ex. pela sua rectidão offenda a pureza da justiça, póde facilmente inclinal-o a favorecer o despacho ; mas para que assim não succeda ; que a experiencia é a melhor mestra, e o primeiro documento para o acerto, dissera a V. Ex. que mandasse fazer uma pequena caixa com abertura para as partes metterem dentro os papeis, posta em alguma casa interior, cujas chaves V. Ex. confiará de si para as mandar abrir, e despachar de noite, para de manhã se entregarem ás partes e não receber requerimento algum por mão de pessoa, quem não seja a propria ou procuradores das partes. Tiradas as horas de seu preciso e natural descanso, dê V. Ex. audiencia todos os dias, e a todos em qualquer occasião que lhe queiram fallar.

« Das primeiras informações nunca V. Ex. se capacite, ainda que estas venham acompanhadas de lagrimas, e a causa justificada com o sangue do proprio queixoso, porque n'esta mesma figura podem enganar a V. Ex. ; que se a natureza deu com providencia dous ouvidos, seja um para ouvir o ausente, e o outro para o accusador ; attenda V. Ex., e escute o afflicto que se queixa lastimado, e offendido, console, mas comtudo não lhe defira sem plena informação, e esta que seja feita pelo ministro, ou pessoa muito confidente, para que assim defira V. Ex. com madureza, e rectidão, sem que lhe fique lugar de se arrepender do que tiver obrado : com este methodo livrar-se-ha V. Ex. tambem de muitas queixas vãs, e falsas de muitos, que sem verdade as fazem, confiados na promptidão, com que alguns superiores castigam levados da primeira accusação, que se lhes faz. Quando assim succeda que a V. Ex. o enganem, mande castigar o informante, e o queixoso, ainda que tenha mediado tempo, isto tanto para satisfação da justiça, e de seu respeito, como para exemplo dos que quizerem intentar o mesmo.

« Não consinta V. Ex. violencia dos ricos contra os pobres : seja defensor das pessoas miseraveis, porque de ordinario os pederosos são soberbos, e pretendem destruir, e desestimar os humildes : esta recommendação é das leis divinas, e humanas : e, sendo V. Ex. fiel executor de ambas, como bom catholico, e bom vassallo, fará n'isso serviço a Deos, e a el-rei. Toda a republica se compõe de mais pobres, e humildes, que de ricos, e opulentos ; e n'estes termos conheça antes a maior parte do povo a V. Ex. por pai, para o acclamarem defensor da



piiedade, do que a menos protector das suas temeridades, para se gloriarem do seu rigor.

« Pouco importará, que se estimulem de V. Ex. não concorrer para as suas violências; por que estes mesmos, que agora se queixarem, conhecendo a justiça, com que V. Ex. procede, logo confessam a verdade; porque a virtude tem consigo a preeminência de se ver exaltada pelos mesmos, que a perseguem, e aborrecem. Ha muitos casos, que merecendo castigo primeiro ha de haver uma prudente admoestação reprehensível, ou pela qualidade da pessoa, ou pela natureza da culpa: esta é a occasião, em que V. Ex. ha de mandar chamar o culpado, e com elle sómente, sem outras testemunhas, reprehendê-lo, e encarregar-lhe a emenda, e o segredo da correção com tanto empenho, que, se revelar, ou abusar do conselho, lhe será preciso castigal-o publicamente para exemplo dos mais. Esta reprehensão deve ser cheia de gravidade, e de palavras moderadas; porque estas infundem no réo um certo espirito de pejo para a emenda, e respeito para com V. Ex. a cuja authoridade em muitas occasiões, é mais efficaz a moderação, com que se reprehende, do que a severidade com que se castiga: o concerto do modo nas occasiões faz uma suave harmonia entre o mando e a obediência. Nunca V. Ex. trate mal de palavras, nem acções a pessoa alguma dos seus subditos, e que lhe forem requerer, porque o superior deve mandar castigar; que para isso tem cadeias, ferros, e officiaes, que lhe obedecam; mas não deve injuriar com palavras, e affrontas; porque os homens, se são honrados, sentem menos o pêzo dos grilhões, e a privação da liberdade, que a descompostura de palavras ignominiosas; e, se o não são, nenhum fructo se tira em proferir improperios. Quem se preoccupa das suas paixões, faz-se escravo d'ellas, e descompõe a sua propria authoridade. Mostre-se V. Ex. em todos os momentos de paixão, e de perigo, superior, e inalteravel; porque com os dous attributos de prudencia, e valor, o temerão os seus subditos.

« Tenha por descredito, como superior, provar o seu poder na fraqueza dos miseraveis pretendentes.

« Só trez divindades sei, que pintaram os antigos com os olhos vendados, signal de que não eram cegas, mas que elles as faziam, e adoravam: a um Pluto, deos da riqueza, um Cupido, deos do amor, e Astréa, deosa da justiça.

« Negue V. Ex. culto a semilhantes deidades, e nunca consinta, que se lhes erijam templos, e se lhes consagrem votos pelos officiaes d'el-rei. porque é prejudicial, em quem governa, riqueza cega, amor cego, e justiça cega.

CONDE DE OZIRAS.

## RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

### INTRODUÇÃO.

O estrangeiro, que aportasse á côrte do velho Rio de Janeiro, e contemplasse o espectáculo monstruoso que, em geral, apresenta esta cidade com as suas ruas estreitas, mal calçadas e imundas, com os seus edificios irregulares e mal construidos: que visse as pesadas gondolas e carroças a cruzarem-se com os tylburis e esbeltas viaturas; que sentisse o canto grunhidor dos pretos esfarrapados e as harmonias do theatro lyrico italiano; que confrontasse as perfumadas ruas do Ouvidor com os armazens fetidos e asquerosos de toucinho e carne secca; que enfim contemplasse, em toda a sua extensão, esse quadro que constitue uma duvida anciosa entre uma civilização postica e a realidade de uma sociedade na sua magnifica conceição; e que depois voltasse as costas e regressasse, com estas inclasificaveis impressões, para a Europa, invadida pela mão do homem até os seus ultimos confins, este estrangeiro havia, por certo, ir fazendo do Brazil uma desagradavel e errada opinião.

Este paiz que, como em outro lugar lhe chamamos, é o filho morgado da natureza, é para ser contemplado, avaliado e admirado á sombra de suas extensas e virgens florestas; e junto d'esses troncos gigantes, dos quaes, para abraçar alguns d'elles, não bastam os braços estendidos de seis e dez homens. E' sentado nas colinas ou veigas floridas, e com uma soberba paisagem de coqueiros em frente, ou debruçado nas margens d'esses rios caudaes e semilhando mares, que o viajante estrangeiro deve impressionar-se do espectáculo magestoso d'essa natureza magestosamente tropical.

Na Europa, embora se admire a vasta e apurada intelligencia do homem nos seus primorosos artefactos, nas suas cathedraes, e nos seus monumentos dos tempos mythologicos e da idade média, aqui no Brazil, e em toda a vasta extensão d'America, na ampla e religiosa solidão de suas florestas e no fremito da corrente de seus rios, e no trinar harmonioso dos seus passaros, hade admirar-se a mão da providencia.

Taes são as idéas, taes são os pensamentos que nutre o auctor da presente viagem d'este que leu as primorosas paginas do mais famoso viajante da America o visconde de Chateaubriand, que soube ler o verbo de Deos, materializado, por assim dizer, nas immensas solidões d'este vasto territorio, onde ainda um dia, hade vir collocar o seu throno a mais apurada civilização.

Estas vagas aspirações da mocidade tive infelizmente de satisfazer-las em principios de 1847. Foi em faee de um dos mais teríveis cataclysmas politicos porque ultimamente tem passado Portugal, que eu tomei a pungente deliberação de



auzentar-me da querida terra da patria. Envolvido na politica d'esde 1835, e tomado uma parte mais ou menos activa em todos os successos subsequentes, já gosando o favor monstruoso e inconsequente das turbas: já cingindo a côroa de martyr politico, e provado as amarguras do desterro, eu sempre acreditava na possibilidade da redempção de Portugal. O quadro doloroso, porém, que apresentou o Porto, quando ali se foram recolher as reliquias da batalha de Torres Vedras, e quando em frente a essa cidade, eterna por tantos feitos gloriosos no triumpho das idéas liberaes, estavam trez nações altivas chamadas por *portuguezes* para escrever na fronte veneranda de Portugal a infamia do protocolo, foi este quadro tão doloroso para a minha alma, que me deliberou a expatriar-me: a America, e em especial o Brasil, onde eu esperava ainda ver as velhas glorias da antiga Lusitania, foi o lugar que eu escolhi para o meu limbo politico.

D'esde então, começou para mim esta vida errante, que *será sempre um mysterio entre mim, o céu e a terra.*

Como um dos personagens de Dumas embrenhei-me pelas solidões do interior, porque pensei que quanto mais novo era o mundo, tanto mais evidentes devia ter os signaes da mão de Deos. E não me enganei. Muitas vezes, lá n'esses matos virgens, em que fui o primeiro a penetrar, sem outro abrigo além do céu, sem outro leito além da terra, abysmado em um só pensamento, ouvi esses mil ruidos do mundo que adormece e da natureza que desperta. Longo tempo ainda fiquei sem comprehender essa lingua desconhecida formada pelo murmuro das torrentes, pelo vapor dos lagos, pelo estrondo dos bosques e o perfume das flores. Emfim pouco a pouco, se ergueu o véu que cobria meus olhos, e o pêzo que opprimia meu coração: e d'esde então comecei a crer que esses ruidos da noite, que esses estrondos do crepusculo não eram senão um hymno universal, com o qual as creaturas rendiam graças ao Creador.

Quando cheguei da Europa ao Rio de Janeiro achava-me, como sempre, possuido dos mais ardentes e entusiasticos desejos de viajar no interior do Brasil; mas não pude realizar esta vehemente inclinação, porque, dias depois da minha chegada, estabeleci na côrte a minha banca de advocacia; e tornava-se-me então difficilissimo o desamparal-a.

Uma grave e perigosa molestia de que fui atacado, e de que padeci acerbamente d'esde julho até fins de outubro de 1848, me obrigou, por conselho de uma junta medica, a buscar o meu restabelecimento em um outro clima, que não fosse este do Rio de Janeiro, que tão fatal me havia sido.

Eis a origem da minha VIAGEM A' PROVINCIA DE S. PAULO, cujas impressões escrevo e offereço

a todas as pessoas que tanto se esmeraram em obsequiar-me nos lugares que percorri bem como as dedico especialmente á minha muito querida e saudosa Mãe, que decerto as hade ap'eciar, quando, depois d'esta tão longa ausencia que nos separa, este escripto tiver a fortuna de chegar ás suas venerandas mãos, que eu tanto desejo beijar.

R. D'ALMEIDA.

## HISTORIA DA LINGUAGEM ESCRIPTA. (»)

A' primeira vista parece que o alphabeto syriaco, o zend, o pcheloí, o arabe, o persa, e o hindostani procedem de um typo diverso d'aquelle que produziu o alphabeto chaldaico hebraico, samaritano, phenicio, punico, grego, etrusco, etc. Esta differença porém é apenas produzida pela figura curvilinea e mais abreviada dos caracteres hieraticos. Os syriacos, os arabes e os medos adoptaram em seu alphabeto as figuras hieraticas; os hebreos, chaldeos, phenicios, etc., tomaram para expressão dos seus caracteres, quasi todos lineares, e mesmo puros, de escriptura hyeroglyphica.

Eis a causa da grande differença que se nota entre as letras hebraicas e syriacas, entre as chaldaicas e zendes, entre as phenicias e arabes. O leitor pó-de facilmente verificar se com effeito os caracteres de escriptura demotica dos egypcios apresentam ou não grande semelhança com os caracteres arabes, zendes, syriacos e medos. No salão do muséo, em que se acham as mumias depositadas, ha uma caixinha de lata guardada no armario em que está a mumia de um gato. Esta caixinha contem varios rolos de papyros, em grande parte consumidos pelo tempo; mas veem-se ainda em algumas folhas varios fragmentos em perfeito estado. Quando pela primeira vez vi esses escriptos suppuz que fossem arabes ou syriacos; mas depois de um breve exame reconheci meu engano. Comtudo, encontrei sempre varios caracteres perfeitamente iguaes a caracteres arabes, no meio de um grande numero de outros realmente mui differentes.

E a prova de que nem os arabes, nem os magos tiraram do Egypto seu alphabeto, é que esses povos tiveram obras tão antigas como os Vedas, e os livros de Moysés. Na verdade, segundo affirmam alguns linguistas, o livro de Job é uma traducção do arabe, feita por Moysés ou algum scriba hebreo; Zerdnst (Zoroastro) escreveu em zend, na lingua sagrada dos magos, o seu Zend-Avesta (palavra viva) em tempos que, segundo alguns, remontam a 1300 annos antes de Jesus Christo.

Como já dissemos, os egypcios possuiam um grande numero de caracteres para representar

(») Vide pag. 57.



um mesmo som; contudo, no meio d'essa grande variedade ha alguns perfeitamente iguaes a caracteres isophonicos do alphabeto hebraico, chaldaico, phenicio, etc.; estes caracteres são os que exprimem as vozes *KH, L, M, N, O, R, T, TH, U*. Passaremos a indicar as semelhanças que se observam entre os caracteres hebraicos, chaldaicos, phenicios, etc., caracteres geralmente lineares, e os caracteres syriacos, zendes, arabes, persas, e hindostanis, tirados da escriptura hieratica.

Demonstrada como ficou, a prioridade da escriptura alphabetica dos arabes e dos magos, e existindo entretanto tantas relações de semelhança entre os caracteres d'estes povos e os hieraticos, isaphonicos dos egypcios, e os lineares hebraicos e chaldaicos, devemos convencer-nos que para os chaldeos, hebreos, egypcios, magos, arabes, syriacos, etc., houve um mesmo systema hieroglyphico.

Tanto trabalho não seria talvez necessario para chegar a esta descoberta. Irmãs como são as linguas chaldaica, hebraica, arabe, pchelvi, syriaca, etc., e havendo, principalmente entre as primeiras, tanta differença como ha entre o hespanhol e o portuguez, a razão d'essa semelhança de caracteres devia ser obvia. Conforme já dissemos atraz, os caracteres representam objectos de denominação *monosyllabica*, e só os hebreos formaram alguns caracteres, cujo valor phonetico representa o *som inicial* de certas palavras: aleph, gmel, dalet, etc. Ora, havendo tanta semelhança entre essas linguas, a ponto (digo-o sem exagerar) de poder traduzir o chaldaico e o arabe aquelle que sabe sómente traduzir o hebraico, claro está que da igualdade da significação dos monosyllabos isaphonicos devem resultar hieroglyphos perfeitamente iguaes, e por consequencia uma concordancia intima entre os caracteres dos differentes alphabetos. E realmente, dos hieroglyphos de que procedem as letras hebraicas, só os que representam objectos de denominação *dessyllabica*, differem d'aquelles de onde nasceram as letras de figura diversa nos demais alphabetos.

Se a analogia não falha n'este caso, podemos admitir que, do mesmo modo que os egypcios, os demais povos tinham muitas figuras para representar um mesmo som; com o correr do tempo, querendo-se reduzir a um só o grande numero de signaes isaphonicos, resultou que este povo preferio tal signal, differente de outro que aquell'outro povo adoptara.

Dahi a differença que notamos entre o *B* hebraico e o *B* cophto, o *B* maiusculo grego, etrusco, etc.

Vamos ao nosso objecto. Do alphabeto zend foi tirado o alphabeto da lingua pchelvi, fallada pelos medos e parthos, lingua todavia irmã do

arabe, do syriaco, do chaldaico, etc. Do zend lingua filha do samscrito, procede a lingua porsí e o persa actual, cujos caracteres são tirados do alphabeto zend. O hindostani, resultante da mistura do arabe com o samscrito, e fallado pelos povos que habitam as margens do Indo, se escreve com caracteres tirados do arabe, que não differem dos caracteres zendes. A todos esses alphabetos se assemelha o alphabeto syriaco, usado pelo povo que os escriptores hebraicos chamam aramêo, de Aram, nome que elles davam á Syria.

Dos alphabetos angulares, rectilíneos ou cuneiformes o chaldaico parece ser o mais antigo, por isso que mais se affasta do typo hieroglyphico; mas não posso fazer conjectura alguma a respeito dos alphabetos curvilíneos, de que nos vamos occupar. Não sei a qual d'elles attribuir a prioridade, considerando n'este caso o zend, e o arabe.

E' com tudo bem certo que antes do uso dos caracteres zendes se usou na Persia de caracteres cuneiformes ou rectilíneos, do mesmo genero dos caracteres hebraicos e chaldaicos. As magnificas ruínas de Persepolis conservam ainda numerosas inscrições n'este genero de letras alphabeticas. Quando, interpretadas que sejam, se virem a conhecer as mais modernas d'ellas, poder-se-ha talvez restringir a data da composição do zend-Avista, que se faz fluctuar entre 600, e 1300 annos antes de Jesus-Christo. Mas, diminuida que seja a época da composição do zend-Avista, uma duvida restará ainda: quem sabe se o livro de Job, quando traduzido em hebraico, era já escripto nos actuaes caracteres arabes, ou em caracteres cuneiformes?

A estas e mil outras conjecturas semelhantes somos conduzidos, sempre que nos atiramos a rasgar o tenebroso manto que envolve os primitivos dias da sociedade; passemos pois adiante. Observaremos primeiro que tudo, que o zend é a unica lingua de origem samscrita que se escreve da direita para a esquerda.

O *E* breve do alphabeto zend é perfeitamente igual ao equivalente grego minusculo, ao *E* maiusculo italico, e por consequente derivado do mesmo hieroglypho de onde procede o *E* hebraico, samaritano e phenicio, isto é, de figura que se representa um claustro.

O *U* é igual ao *I* hebraico. Estas duas vogaes não poucas vezes se confundem, e se substituem. Nós dizemos ouro, e oiro—couro e coiro—&c. Sallustio Crispo, a quem Aulo Gellio chama innovador de palavras, escreve com *U* um grande numero de palavras que no tempo de Augusto se escrevia com *I*.

O *U* aspirado do alphabeto zend é igual a um dos caracteres que representam este mesmo som no alphabeto hebraico numismatico. Estas duas letras pois procedem de um mesmo hieroglypho.



O *I* dos arabes é o diphthongo *AI* zend invertido. As letras *D*, *S*, *Z* são iguaes em ambos os alphabets; ha porém algumas figuras que, sem serem perfeitamente semelhantes, apresentam ligeiras differenças; taes são as que representam os sons *B*, *G*, *K*, *M*, e *R*. Faremos agora a comparação das letras consoantes dos alphabets curvilíneos com as isaphônicas dos alphabets coniformes.

O *Z*, *D*, e *SCH* do alphabeto zend são configurações curvilíneas dadas ás letras *Z*, *D* e *SCH* dos chaldéos. O *N* é uma abreviação do *N* phinício. As letras *K*, *KH*, *B* são figuras curvilíneas dos caracteres correspondentes no alphabeto phinício.

O mesmo *P* zend não é outra cousa mais do que uma nova posição dada ao *P* dos phenícios.

## VII.

Concluiremos n'este parágrafo nossa demonstração da unidade da origem da escriptura, comparando com os caracteres indios, todos os que acabamos de passar em revista. Como no samscrito e no bengalês as letras são sutopostas a um traço horizontal, a ligadura, é necessario fazer abstracção deste signal, que póde complicar os embaraços que offerece este delicado pararello. Já tivemos occasião de dizer que o numero de analogias que se tirava d'esta comparação era já diminuto, em consequencia da vetusidade do alphabeto samscrito, já elevado, desde o tempo da composição dos Vedas, ao gráo de perfeição em que hoje o vemos.

O numero d'essas analogias, que não excede a doze, vamos nós agora expor ao leitor.

Temos em primeiro lugar o *B* bengalês, que é o *B* minusculo etrusco ás avessas, e rectilíneo. O *B* samscrito levemente differe do *B* minusculo etrusco, inda que tambem invertido como o bengalês.

O *G* bengalês é o *G* samaritano. Comparando o caracter bengalês com o samscrito, vê-se que o caracter samscrito soffreo uma leve alteração no traço que representa a cabeça do camelo (*gmel*).

O *D* bengalês é o *D* cophto ou phinício, augmentado de um pequeno traço que sem duvida tem por fim distinguil-o de *B* com o qual sem isso seria infallivelmente confundido.

O *H* bengalês é o *H* minusculo etrusco invertido. Esta mesma letra é um pouco simplificada no alphabeto arabe, persa, e indostani.

Um homem na attitude de marcha, com os dous braços estendidos cada um para seu lado, e em uma linha obliqua ao horisonte, é o caracter hyeroglyphico da voz *tot* (em egypcio), que significa chamar, e é ao mesmo tempo o caracter phonetico da consoante *T*. O caracter hieratico é perfeitamente um *t* minusculo italico.

O *T* maiusculo etrusco é uma figura aperfeiçoada e regular de caracter hieratico egypcio.

No samscrito a letra *T* representa o tronco do corpo, e aquelle dos dous braços que no hyeroglypho se representa abatido.

A letra *I* provem de um hyeroglypho que representa a mão do homem, um hebraico *iod*. No bengalês essa vogal é figurada por um caracter duplo, representando o *H*, e o *I*. A letra *I*, traçada horizontalmente sobre o *H*, é um perfeito caracter hieratico egypcio. No alphabeto birman, composto de caracteres semi-circulares, a letra *I* é figurada de modo, que nos representa facilmente o *I* dos phinícios.

O *K* samscrito é uma figura curvilínea do *K* bengalês; e com o *K* bengalês tem muita semelhança a letra correspondente do alphabeto zend *OL* samscrito, comparado com o *L* phinício, mostra que o primeiro é uma figura curvilínea do segundo.

O *P* bengalês e samscrito é o *P* etrusco ás avessas; o ultimo principalmente não differe do *Q* minusculo dos etruscos.

O *R* birman é o mesmo *R* phinício e hebraico numismatico. O *T* aspirado e o *T* duro do alphabeto bengalês são o *tau* e o *tsade* chaldaicos (*th*, e *ts*).

Repetiremos aqui, o que já dissemos acima: que se não achamos maior numero de coincidencias, é porque sem duvida os indios e os demais povos possuiram como os egypcios varias figuras para representar um mesmo som, uma mesma articulação; e que, querendo reduzir todos esses caracteres á unidade, forão preferidos caracteres diferentes, d'onde póde ter resultado a divergencia que apresentam as demais letras. A semelhança porém das doze letras que acabamos de indicar prova claramente que *todos os povos do mundo primitivo tiveram um mesmo systema de caracteres alphabeticos*, de onde procedem todas as diferentes letras que hoje possui a escriptura em geral.

Pela divergencia de certas letras, não podemos deduzir os hyeroglyphos de todos elles; mas á vista de paridade entre as doze que temos mostrado, se vê que os objectos que representavam os respectivos nomes na lingua hebraica figuravam entre os hyeroglyphos tanto dos egypcios, syrios, phenícios, samaritanos, hebrêos, e chaldeos, como entre os indios, os bengalêzes, os birmans, os armenios, georgianos, etc.

## VIII.

Agora vejamos, amavel leitor, os diferentes modos porque cada povo usava de seus caracteres alphabeticos na practica da escriptura. Como já disse acima, cada qual deu á escriptura uma direcção particular. De onde procede que a principio se tinha escripto da direita para a



esquerda, em vez de escreverem todas uniformemente, e sempre do mesmo modo? Porque razão se passou a escrever da esquerda para a direita, depois de escrever-se primeiramente da direita para a esquerda?

Ha necessariamente n'isto alguma razão, inda que nos seja difficil atinar com ella.

E' certo que o canhotismo é uma consequencia da grosseira educação, da pertinacia, e da má índole; assim, aquelles que dirigiam a escriptura para o lado esquerdo, eram povos ainda rudes e grosseiros, como os gregos antes de Homero, como os antigos hebreos, etc. A' proporção que os homems se civilisavam, buscavam dirigir a escriptura para o lado opposto. Os gregos, que depois de escreverem da direita para a esquerda, passaram a escrever da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, mostravam a transição, a gradação para a direcção final que adoptaram depois e para sempre, da esquerda para a direita. O lado direito é em tudo o lado da perfeição.

Occorre-nos fallar do uso de certas letras alphabeticas.

Os cha'dêos, os hebreos, e os egypcios supprimiam frequentemente as vogaes. Os hebrêos só usavam, quando ellas eram iniciaes ou finaes, ou quando no meio das palavras ellas eram acompanhadas de aspiração, ou finalmente quando o *I* e o *V* serviam em lugar do nosso *J* e *V*. Foi no seculo nono que uma classe de Rabbinos chamada massoretas (de *Massora*, traducção) inventou os pontos vogaes ou massoreticos, como fim de conservar inalteravel a pronunciação dos sons hebraicos e chaldaicos segundo a traducção oral. No principio do seculo XVI o Rabbino Elias Levita, vendo que geralmente se attribuia a Esdras e a Moyses a invenção dos pontos vogaes, escreveu uma obra sobre a Massora, em que declarou serem os ditos pontos de invenção moderna, e que antes d'elles se lia mui bem o hebreo dos livros santos, o que por tanto tornava-os desnecessarios. Esta declaração, feita por um israelita, attrahiu a attenção dos hebraistas christãos. Então Luiz Capelle, professor de hebraico na Academia de Saumur publicou uma obra em 1624 — *Arcanum punctuationis revelatum* — onde affirmou que os livros santos não só tinham sido ponetnuados modernamente, mas ainda sem guia alguma tradiccional.

Buxtorf, filho de um famoso hebraista do mesmo nome, grande partidario da escola massoretica, julgou de seu dever defender as opiniões de seu pai, e escreveu um grosso volume contra Elias, e Capelle, affirmando ter sido Esdras o inventor dos pontos vogaes. A obra de Buxtorf que não continha razões mui solidas, foi facilmente pulverisada por uma replica de Capelle, que pôz fim á disputa. Depois porém de

haver destruido a authenticidade supposta dos pontos vogaes, Cap. lle se vio embaraçado em ensinar a leitura do hebraico expurgado d'esses pontos.

Foi então que appareceu o famoso Mesklef 1716, o chefe da nova escola, ensinando a ajuntar a cada consoante a vogal auxiliar, que a compõe. Ultimamente Latouche, um dos maiores linguistas de nosso seculo, tem ensinado a lêr o hebraico intercalando a vogal *A* entre duas consoantes successivas.

De todos estes methodos o de Latouche parece ser o mais exacto. Sabe-se que no alphabeto samscrito a articulação de uma consoante fere sempre a vogal *A*. Nós dizemos bê, cê, dê, eff, &c.; os indios pronunciam as consoantes dizendo, bá, cé, dá, fá, &c.; e só quando a consoante é acompanhada do signal de neutralidade ou quiescencia, se pronuncia sem ferir o som *A*, como as finaes das palavras hebraicas Jacob, Isac, David, Judith, &c. E' natural que os hebrêos, além dos nomes dos caracteres alphabeticos nomes tirados dos signaes hyeroglyphicos, tivessem para cada consoante uma articulação pura e simples. Essa articulação devia com mais probabilidade ferir o som *A* porque assim acontece no samscrito, do que ferir qualquer outra vogal, como a vogal *E* entre nós. Julgo pois que o methodo de Latouche deve ser o preferido.

PELO SNR. F. PEREIRA DUTRA.

## VARIEDADE.

### Emilia e Branca.

— Não, minha amiga, tem paciencia; não aceite essa conclusão como um axioma infallivel; isto porque o teu predilecto *Balzac* pôde ter-se enganado no estudo particular e especial que fez sobre o coração da mulher. Julgam estes authores chamados severos comprehender muito bem certos principios de *politica* feminina, e ignoram que a mulher pôde, d'um momento ao outro, abjurar d'esses principios, encobrando essa rapida transição com um sorriso perenne, e outras vezes com um gesto de enfado.

— Eis ahí uma contradicção, minha querida Emilia; ella me prova que se realisam as minhas conjecturas—authorisas, sem o queres, o axioma que condemnaste ha pouco. Vamos, confessa que tenho razão!

— Não me respondas com sophismas, Branca; espero uma refutação peremptoria ás minhas asserções. Olha, Emilia, prefiro antes ter-me enganado do que constranger-te a confessares que....



— Acaba.

— Que se não amas Eugenio, tens por elle uma pronunciada sympathia.

— Minha pobre Branca lastimo a tua ingenuidade ou por outra admiro que desconheças a tal ponto as conveniencias da boa sociedade; isto é da sociedade em que vivemos.

— Então é por defferencia aos *quês* d'essa sociedade que concedes uma distracção particular a esse mancebo?

— A mesma que concedo aos outros.

— Nego, Emilia; tenho reparado que recebes com friesa os cumprimentos do commendador Lima.

— Um fatuo que não falla a pessoa alguma sem olhar um cento de vezes para o lado esquerdo da sua casaca, tendo o cuidado de tornar patente e bem visível o pedaço de panno a que prende a commenda.

— Os do doutor Abreu.

— Um homem orgulhoso da sua sciencia: interroguem-no sobre o seu passado, e ver-se-ha que o diploma de doutor traz á margem a palavra empenho.

— Sancho da Silva.

— E' dos quatro o que aborreço mais; não falla senão em dinheiro, em companhias monstros, em transacções especiaes e no credito de que goza entre o commercio; já vez que um homem d'estes é insupportavel.

— Como estás severa hoje, Emilia! D'essa fórma receio que tenha minha parte na resenha dos insipidos.

— Far-me-has uma injustiça se tal pensares: quero unicamente provar-te que as attensões d'esses senhores são acolhidas por mim como se deve esperar d'uma mulher que recebeu parte d'essa educação excepcional, a que a sociedade liga uma importancia; que, a meu ver, está bem longe de possuir. Quanto ao teu axioma; isto é, á sua discussão fica adiada; os adiamentos são axiomas tambem, minha querida Branca, e sinto bastante não poder explicar-te a razão porquê.

— Explica sempre.

— Nada, é um terreno que não nos é permitido invadir; deixo isso aos politicos por interesse, os de convicção ficariam como eu vacillantes sobre a materia...mas como sou criança! ha meia hora que procuro fallar nos nossos projectos e esperanças no porvir, e não sei porque tenho tratado unicamente d'aquillo que me é extranho e indifferente...

— Tudo por causa do tal axioma.

— E' verdade, Branca, foi Balzac o culpado; para o castigar d'essa falta de attenção vou hoje mesmo

fazer um *auto de fé* de alguns romances seus, que tenho na minha pequena bibliotheca.

— Não te perdoaria essa profanação, Emilia; Balzac é o unico autor que trata a sociedade em geral conforme o merece; é o unico que comprehendeu e pintou os seus vicios e attributos...

— Porém, minha amiga, vamos ao final da minha proposta.

— Dizia-te ha pouco que se não amavas Eugenio concedias-lhe uma sympathia que negas aos outros; accrescentarei, e de coração que em menos d'um mez hei de receber a participação do teu casamento com elle.

Emilia deu uma gargalhada tão sonora e stridente que Branca julgou dever imital-a.

— Minha querida, disse Emilia em tom meio sério, accusam-te de timida e reservada, mas eis ahí um principio que faria crer o contrario.

— Venceste, continuou ella sorrindo-se; e apraz-me confessar que o teu Balzac tem razão, e que o seu axioma é infallivel... *As mulheres sabem explicar muito bem as suas grandezas; é as suas puerilidades que ellas não deixam adivinhar*; não é este o axioma? Agora uma vez que confessei o meu erro, deixa-me propor-te uma cousa. Dizes que em menos de um mez receberás a participação do meu casamento com Eugenio; pois bem, concedo-te tres, e se o prazo expirar e não se tenha realisado esse consorcio, exijo, como pena imposta á tua decepção, que tomes parte no *auto de fé* em que te fallei á pouco.

— Aceito, disse Branca, levantando-se, mas como tenho convicção de que tal cousa não terá lugar, imponho-te um castigo tambem; é um pouco mais sério é verdade, mas tem paciencia, minha querida Emilia, assim o queres e...

— Vamos ao resto.

— A tua antipathia por Sancho da Silva é bem conhecida, e como sei que por nada d'este mundo acceptarias um convite seu para qualquer walsa ou quadrilha, quero que no dia de meus annos dances com elle a primeira walsa. Seja assim, Branca... adeus, eis ahí teu pai. Emilia aproximou-se de sua amiga, e beijando-a disse baixinho.

— Curiosa!

— Branca retribuiu o beijo, e respondeu — *Dis-simulada*.

PELO SR. A. X. RODRIGUES PINTO.

TYP. FLUMINENSE DE SANTOS & COLVILL,  
Rua dos Ciganos, N.º 23.